temática ISSN 1807-8931

Entre o vazio e a ‘machosfera’: mediações digitais e a crise da masculinidade contemporânea

Between the void and the ‘manosphere’: digital mediations and the crisis of contemporary masculinity

André VOUGA[1]

Resumo

Visando embasar uma futura pesquisa de campo, este trabalho busca organizar discussões teóricas pertinentes; tais como as visões da construção da identidade em Foucault, Bourdieu, Goffman e Giddens; e achados empíricos presentes na literatura sobre os desdobramentos da crise da masculinidade contemporânea. Ele coteja principalmente a forma como jovens desorientados pela perda de marcos sociais tornam-se vulneráveis à radicalização dentro da chamada "machosfera”. Indica como, nesse ambiente, influenciadores digitais exploram ressentimentos para introduzir visões de extrema-direita. O estudo detalha ainda como novos mediadores exploram a percepção de desamparo dos jovens, apresentando ideologias de direita como um refúgio ao mesmo tempo aspiracional e transgressor. Utilizando táticas de desinformação, humor e gamificação em plataformas diversas, eles forjam lealdades tribais que sobrepõem o pertencimento social ao pensamento crítico. Assim, a identidade política masculina é reconfigurada a partir da busca por autoridade, processo vulnerabilidades emocionais em adesão a discursos extremistas.

Palavras-chave: Crise da masculinidade. Identidade. Desinformação. Radicalização.

Abstract

Aiming to lay the groundwork for future field research, this study seeks to organize relevant theoretical discussions; such as perspectives on identity construction found in the works of Foucault, Bourdieu, Goffman and Giddens; alongside empirical findings from the literature on the contemporary consequences os the crisis of masculinity. It primarily examines how young men, disoriented by the loss of established social reference points, become vulnerable to radicalization within the so-called "manosphere." The study highlights how digital influencers in this environment exploit grievances to introduce far-right views. Furthermore, it details how new mediators capitalize on young men's sense of helplessness, presenting right-wing ideologies as a refuge that is simultaneously aspirational and transgressive. By employing tactics such as disinformation, humor, and gamification across various platforms, they forge tribal

[1] Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco. Email: andre.vouga@ufpe.br

loyalties that prioritize social belonging over critical thinking. Consequently, male political identity is reconfigured through a quest for authority, a process that channels emotional vulnerabilities into the adoption of extremist discourses.

Keywords: Crisis of masculinity. Identity. Disinformation. Radicalization.

Introdução

Esse trabalho apresenta a organização de fundamentos teóricos visando uma pesquisa de campo focada na compreensão das novas dinâmicas de radicalização masculina em ambientes digitais. O objetivo central deste texto é construir o arcabouço conceitual necessário para embasar uma imersão etnográfica em servidores da rede social Discord, em grupos articulados em torno de jogos digitais, que apresentam uma clara predominância de rapazes entre a adolescência e a juventude entre os seus participantes.

A necessidade desse estudo parte da observação de que, pela primeira vez em décadas, posições machistas estão em crescimento consistente entre os homens mais jovens, que se encontram desorientados quanto aos seus papéis sociais em um contexto de transformações culturais. E esse vazio simbólico tem sido preenchido por uma indústria de influenciadores especializados, que oferece modelos de masculinidade baseados no ressentimento.

O arcabouço aqui desenvolvido explora como essa radicalização não ocorre de forma súbita, mas através de progressões em meio a conteúdos aparentemente inofensivos sobre fitness, nutrição e conselhos financeiros nos quais os jovens são gradualmente conduzidos a uma estrutura mental de extrema-direita, que naturaliza hierarquias sociais e promove a narrativa de que a masculinidade tradicional está "sob ataque". Este trabalho pretende fornecer as ferramentas para compreender como a identidade política desses jovens é forjada.

Descaminhos da masculinidade

Na atualidade, pela primeira vez desde que esse tema se estabeleceu na agenda das pesquisas de opinião, posições machistas estão em crescimento consistente entre os homens mais jovens (BATES, 2020). Parte da produção recente em ciências sociais tem identificado um padrão recorrente nas sociedades ocidentais: homens jovens encontram-

se, em termos gerais, desorientados quanto a seus papéis sociais e às formas de inserção nos contextos culturais em transformação. Os marcadores tradicionais de "tornar-se homem", como um emprego estável, uma casa, uma família, parecem fora de alcance, assim os jovens se sentem suspensos, em um estado de espera. Além disso, soma-se que, em determinados ambientes, eles são instados a conter manifestações de masculinidade; em outros, a reforçá-las, sobretudo na expectativa de que enfrentem as adversidades que vivenciam sem suportes. Muitos jovens veem a vulnerabilidade emocional como “coisa de menina”, têm uma perspectiva de mundo onde o isolamento é equiparado à força, levando a problemas de conexão social. Nos EUA, por exemplo, homens jovens apresentam atualmente o dobro de probabilidade de morrer por abuso de substâncias e quatro vezes mais chances de cometer suicídio em comparação às mulheres da mesma faixa etária (REEVES, 2022).

Para além de percepções subjetivas de “abandono social”, observa-se um aumento histórico progressivo do número de meninos criados em lares monoparentais, geralmente sem a presença de figuras masculinas de referência. Nesse cenário, consolidou-se uma indústria que se aproveita desse vazio simbólico, oferecendo supostos “novos modelos de masculinidade”, frequentemente associados a promessas de enriquecimento rápido (REEVES, 2022). Essa indústria se apresenta sob a aparência de programas de autoajuda e desenvolvimento pessoal, mas se estrutura como um modelo de negócios sofisticado, articulado em torno de poucos “gurus” cuja principal estratégia consiste em fomentar a insegurança masculina e, em seguida, oferecer soluções para o mal-estar que eles próprios intensificam (BLOODWORTH, 2024).

Miller-Idriss (2025) teoriza que os influenciadores pegam sentimentos genuínos de solidão e ansiedade econômica e os recodificam como "defesa justa" da civilização, transformando a luta pessoal em uma queixa política. Sua “Teoria da Estrutura Mental” indica como um adolescente pode passar de assistir a "tutoriais de supino" para "comentários políticos da extrema-direita" sem nem perceber a mudança. Em sua visão, a radicalização não é um súbito momento de iluminação, é um projeto de construção no qual influenciadores fornecem os materiais para construir uma nova visão de mundo, uma tábua de cada vez. Ela postula que os influenciadores criam uma estrutura pré-ideológica. Antes que um jovem adote um partido político específico ou um grupo extremista, ele é apresentado a um conjunto de "portas lógicas" que fazem com que essas visões extremistas pareçam senso comum posteriormente.

A base de partida seria o autoaperfeiçoamento "inofensivo", que começa com conteúdo positivo sobre fitness e nutrição, conselhos financeiros indicando fugir da rotina do trabalho clássico e dicas sobre como conversar com mulheres. Esse conteúdo estabelece o influenciador como um mentor confiável que possui o "segredo" para o sucesso em um mundo que parece confuso.

Uma vez estabelecida a confiança, o influenciador começa a apresentar a "estrutura", a lógica de fundo que embasa o pensamento de extrema-direita. Aqui já aparecem temas como as hierarquias “naturais”, com a ideia de que existem "alfas" e "betas" e que a igualdade é uma construção social antinatural. Também surge a narrativa da vítima, com a alegação de que a masculinidade tradicional está "sob ataque" na sociedade moderna. E, ainda, apresentam o essencialismo, com a crença de que homens e mulheres têm papéis fixos e imutáveis, que não podem ser alterados sem causar o colapso da sociedade. Depois vêm as camadas mais extremas, como apoio a ideias de caráter totalitário.

Gerrand et al (2025) também discutem como os influenciadores maquiam ideias extremistas, envolvendo-as em conselhos de autoaperfeiçoamento, fazendo com que a radicalização política pareça crescimento pessoal. Seus estudos mostram que até mesmo contas "neutras" de adolescentes do sexo masculino são frequentemente direcionadas para conteúdo do tipo em questão de minutos.

Kimmel (2018) analisou por que os jovens se deslocaram significativamente para a direita política nas eleições de 2024 dos EUA, citando a crise da masculinidade que os influenciadores exploram para oferecer um senso de pertencimento e poder. Retomando a questão da ameaça à masculinidade, ele traz o conceito de direito ressentido, no qual os homens sentem que lhes é "devido"; como empregos, status ou autoridade social; e que teria sido tirado deles pelo feminismo ou por políticas liberais.

Um traço comum entre esses jovens é o sentimento de desamparo diante de um mundo percebido como voltado prioritariamente à proteção de minorias com as quais não se identificam. Essa sensação de exclusão tende a alimentar o desejo de restauração de uma ordem anterior, o que se traduz em predisposições políticas de caráter conservador. A extrema direita, nesse contexto, tem oferecido um espaço simbólico de pertencimento aos homens jovens, fazendo-os sentir-se vistos e reconhecidos em meio a outros discursos sociais que lhes parecem hostis ou deslegitimadores. Para a maioria dos adolescentes, o grupo social tende a ser a principal fonte de referência moral, assim, na medida em que

se criam agrupamentos com valores problemáticos, é fácil perceber os desdobramentos perigosos. (COMISSÃO EUROPEIA, 2022)

Ainda que não trate exclusivamente de questões relativas à masculinidade, Solano (2018) identifica o desamparo e o ressentimento como fatores centrais na adesão a discursos de extrema direita e destaca a forma como esses afetos se manifestam com maior intensidade no âmbito da masculinidade destrutiva. Segundo a autora, tais emoções favorecem tanto a submissão ao líder, entendido como figura paterna, quanto o culto a heróis, políticos ou não, que encarnam ideais de força e autoridade.

Nesse mesmo quadro, observamos a emergência de um imaginário no qual jovens passam a falar do "nojo de CLT" e a se conceber como empreendedores de si. A extrema direita, nesse sentido, parece oferecer atualmente mais elementos aspiracionais do que a esquerda: ela mobiliza um discurso de sonho e superação, ainda que delirante, enquanto a esquerda enfatiza problemas estruturais e riscos futuros, tais como os ambientais, sociais e econômicos. E, paradoxalmente, a esquerda vem assumindo o papel de defensora da ordem institucional frente ao ímpeto destrutivo do outro campo, que se apresenta como mais criativo, transgressor e aberto ao novo.

Conforme argumenta Monbiot (2024), um dos eixos centrais da vitória ideológica do capitalismo reside na colonização completa do pensamento, que limita as possibilidades de imaginação política e social. O neoliberalismo, ao negar sua própria designação, passou a se difundir como uma espécie de lei natural inevitável, à qual não haveria alternativas. Essa naturalização ajudou a produzir um desencanto generalizado com a política e com sua capacidade de transformar as relações econômicas. A extrema direita capitaliza esse sentimento de anomia e descrédito institucional, apresentando-se como via de superação do impasse por vias destrutivas.

Sua promessa consiste na adoção de um caminho baseado na força e no ataque direto a grupos e instituições que foram transformados em alvos simbólicos da frustração coletiva, tais como imigrantes, jornalistas, ativistas, acadêmicos e as "elites". Ela oferece vingança e a sensação de justiça imediata, prometendo "ir atrás dos culpados". Para muitos, essa narrativa gera mais sensação de empoderamento do que o debate abstrato e prolongado de políticas públicas. E, nesse contexto, as teorias da conspiração cumprem um papel central, ao oferecer explicações simples e emocionalmente reconfortantes para questões complexas.

A "Machosfera" brasileira

O relatório "Aprenda a evitar este tipo de mulher: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube" destaca como canais divulgam mensagens de ódio contra as mulheres e transformam misoginia em um negócio lucrativo. A pesquisa identificou mais de cem canais com conteúdo misógino com uma média de 150 mil inscritos e com pouco mais de cem mil vídeos publicados que, juntos, reuniam quase 4 bilhões de visualizações.

A análise identificou "Desprezo às mulheres e insurgência masculina" como o tema mais recorrente e em crescimento. Em seus conteúdos, os influenciadores propagam ódio, aversão, controle e desprezo às mulheres. A pesquisa encontrou 89 canais que promovem a ideia de que as mulheres devem ocupar um papel secundário dentro das relações, devendo a eles servidão. Reduzidas a objetos sexuais ou parceiras reprodutivas, as mulheres são avaliadas com notas por sua aparência. Além disso, são desumanizadas em imagens humilhantes que as retratam em posições de subjugação.

Visão política

É comum entre os estudados a declaração de certa indiferença em relação à política, ao menos em suas formas institucionais, envolvendo pouco desejo de se informar sobre movimentos partidários e medidas governamentais ou legislativas. Não discutem muito diretamente política, no sentido partidário, as discussões rondam mais os jogos. A política aparece mais indiretamente, com algumas visões sobre corrupção endêmica na sociedade.

É visível em algumas declarações a presença de visões de mundo que provavelmente orientam decisões de voto. Preconceitos diversos recortam os discursos, incluindo alguns regionais, marcadamente contra nordestinos, e de gênero, principalmente com tons antifeministas. Esse tipo de atuação promove o deslocamento da chamada janela de Overton, ao acenar com propostas radicais para normalizar ideias mais amenas apontadas nas mesmas direções.

Também aparecem visões contrárias aos direitos trabalhistas, com a associação da CLT com a subalternidade e pobreza, em oposição ao empreendedorismo. Mas vale

lembrar que foram ativamente buscados na pesquisa meninos que se autodeclaravam conservadores ou de direita.

Medo da pobreza, do desemprego e das questões de segurança são citados como algumas das principais angústias existenciais. Aproximadamente um terço deles defende a democracia como ideal abstrato, contudo, uma fatia equivalente parece concordar com a ideia de que um líder forte pode ser necessário para a resolução de problemas estruturais mais amplos, no entanto, mesmo entre esses, existe uma certa recusa quando é citada a palavra autoritarismo.

A crise de confiança atinge fortemente instituições políticas, mais da metade desconfia de forma geral dos partidos e dos ocupantes dos poderes. Em contraste, igrejas e meios de comunicação gozam de maior credibilidade. A percepção do ensino superior parece estar em transição, com uma parte ainda depositando confiança e outra traçando associações delas com questões como "doutrinação política", mas também com alguma visão de "perda da utilidade" da formação superior.

Como antecipado, foram escolhidos espaços de aglomeração social que sabidamente carregam tons mais conservadores, mas existem diversas gradações complicantes, principalmente na variabilidade das adesões a diferentes aspectos de visão de mundo. É bastante comum que haja aglomerações bastante confusas de conceitos e de suas articulações. Misturam-se percepções conservadoras com o apreço de causas como as ambientais, por exemplo.

Identidade e visão política

Mesmo que possam ter passado por mudanças em contextos mais recentes, as correlações entre identidades e visões políticas já contam com extensa discussão histórica, a qual é preciso contemplar para estabelecer alguns mapeamentos essenciais. Grandes nomes da sociologia e filosofia já discutiram esse aspecto.

Bourdieu (2007) mostrou como as estruturas sociais são internalizadas e expressas no comportamento e, também, como o alinhamento dele com categorias sociais ajuda a reproduzir e estabilizar identidades, inclusive as políticas. Goffman (2017) descreveu como mobilizar e estabilizar identidades coletivas frequentemente depende da estreita vinculação de preferências políticas específicas a certas identidades. Ao definir quem

"nós" somos e no que "nós" acreditamos empreendedores políticos tanto forjam solidariedade dentro dos grupos quanto demarcam as fronteiras que excluem os "outros".

Laclau e Mouffe (2015) argumentam em que identidades políticas nunca são previamente dadas, mas construídas por meio de cadeias de equivalência. Ao vincular diversas demandas sociais (por exemplo, justiça econômica, reconhecimento cultural, combate à corrupção) sob a bandeira única dos "demandas do povo", líderes populistas fomentam um senso de identidade compartilhada e de destino comum.

Tajfel e Turner (1979) apontam que indivíduos são constantemente ensinados a acreditar que "pessoas como eu" possuem certas lealdades partidárias, posições políticas ou gostos culturais e, portanto, tendem a adotá-las para reforçar seu senso de pertencimento. Segundo eles, campanhas populistas da extrema direita exploram esse dado sinalizando pistas sobre raça, religião ou região, incitando os eleitores a adotarem posições com base no padrão de que "é o que meu grupo acredita".

Campbell e Putnam (2010) mostram como certos enquadramentos de discurso vinculam questões políticas, como tributação ou imigração, a narrativas morais. Quando se retrata repetidamente imigrantes como "invasores" ou impostos como "roubo", essas metáforas se tornam marcadores de identidade. Por exemplo, se opor a impostos é encarnar um defensor do livre mercado. Ao combinar sistematicamente crenças e comportamentos com categorias de identidade, os atores políticos não apenas angariam apoio, mas também tornam a dissidência socialmente custosa: discordar da "linha partidária" torna-se uma traição à própria identidade.

Influenciadores

Muitos dos saberes estruturantes das sociedades modernas possuem uma complexidade cuja compreensão demanda aprofundamentos pouco acessíveis para o grosso da população, assim sua integração cultural requer um trabalho de mediação tradicionalmente operado por jornalistas, juristas, cientistas e outros depositários da confiança pública. Apesar dessas posições apresentarem historicamente uma relação complexa com os ordenamentos sociais de poder, em geral, elas gozavam de respeitabilidade e faziam prevalecer suas visões nas estruturas culturais. (GIDDENS, 1991).

Mas, na atualidade, despontam novos mediadores, ancorados principalmente na plataformização da comunicação, que muitas vezes rompem com as lógicas tradicionais de autoridade e de regramento epistemológico. Atuam dentro das premissas da economia da atenção, a partir da sensação de proximidade dentro das chamadas formações parassociais, com peso aumentado da identificação e de aspectos estéticos da apresentação. Aumenta também a referencialidade de parâmetros biográficos básicos, tais como o sucesso financeiro aparente e a projeção midiática nas redes. (CESARINO, 2022)

Muitas dessas novas referências tratam de temas sem vínculo mais direto com a política em sua forma institucional, mas que ajudam na articulação de visões de mundo politicamente carregadas. Por exemplo, a construção de identidades empreendedoras costuma estar conectada a posicionamentos individualistas, hipercompetitivos etc. E, eventualmente, esses processos se definem numa forma um pouco mais velada. Também aparece, no mesmo quadro, a avaliação do ambiente de negócios no país, frequentemente trazendo leituras de que nosso contexto geral é hostil às empresas. E, num desdobramento mais amplo, alimentam a estruturação de uma visão geral do Brasil como uma nação "cronicamente inviável" por conta da corrupção endêmica, derivada de incapacidades morais intrínsecas de seu povo, interligadas com outras inaptidões, desde as necessárias para o trabalho, até as que envolvem sua suposta capacidade de traçar boas escolhas políticas.

Retomando as raízes dessa transformação, pode-se dizer que os sistemas peritos foram historicamente mais recusados quando ameaçaram estruturas de identidade. Por exemplo, Solano (2018) relata que o maior sucesso do movimento antivacina no Brasil se deu no caso da imunização contra o HPV. Segundo ela, isso deriva do fato de que impor o medo e punição ao exercício da sexualidade é considerado algo positivo por nossa moral mais tradicional. Nesse sentido, o padrão típico é recusar a ciência quando ela estabelece desconfortos em temas organizadores de identidade, como dogmas religiosos e tabus de gênero.

Os padrões de visão estão frequentemente vinculados à identidade social e mudá-los a ameaça, além de trazer o risco de desaprovação em meio aos pares sociais. Kahan (2008) tem desenvolvido a tese da "cognição cultural", na qual enfatiza que as pessoas aceitam ou rejeitam informações com base não apenas em evidências, mas no alinhamento delas com seus valores culturais, sendo que seu ceticismo costuma aumentar quando as mensagens opositoras parecem moralizantes, paternalistas ou vinculadas a

identidades políticas. De acordo com a sua teoria da reatância psicológica, os indivíduos se opõem principalmente às ameaças percebidas à sua autonomia.

Numa atualização das teorias dos efeitos limitados, Bavel et al (2014) integram a teoria da identidade social com a neurociência cognitiva, para explicar como as lealdades tribais moldam a atenção, a interpretação, a aceitação e a retenção de informações. Eles indicam, por exemplo, que as pessoas podem interpretar as mesmas evidências científicas de maneiras opostas, dependendo de crenças preexistentes.

Estratégias de defesa e seus limites

Várias estratégias de intervenção já foram propostas com o intuito de amenizar os processos aqui descritos. Uma das mais comuns é a de "vacinação", com exposição prévia e controlada à desinformação para que as pessoas reconheçam progressivamente as estratégias usadas (SURJATMODJO et al, 2024) (DEWI e ELFIANDRI, 2025). Mas fala-se de resultados ambíguos em algumas delas, como no exemplo da verificação de fatos, que pode inadvertidamente aumentar o ceticismo em relação a todas as informações, incluindo as de qualidade razoável. (LEE e JANG, 2023)

Coloca-se que há um aumento generalizado da indiferença quanto à verificação das informações, o que evita naturalmente a avaliação dos mentirosos, gerando uma espécie de círculo vicioso de estabelecimento do contexto de pós-verdade. Fala-se também de uma espécie de reação adaptativa, de uma perda de sensibilidade a padrões de estímulo que se repetem, ajudando no ciclo vicioso (DEWI e ELFIANDRI, 2025). Mas, compreendendo que o centro das operações descritas está num jogo de identidades e identificações, é perceptível que qualquer antídoto precisaria atuar nesses aspectos, o que demanda uma sutileza maior de operação.

Comenta-se também a questão de estabelecer obrigações mais estruturadas para as próprias operadoras dos ambientes de circulação da desinformação, como as de redes sociais, tais como: reforço dos sistemas de moderação, ajuste de algoritmos, indicação de conteúdo que pagou para ter tráfego, marcação de fontes problemáticas e de atores que costumam repercuti-las e, ainda, a indicação de propriedade das fontes e de seu financiamento (BORAH e HSU, 2022)

Vale lembrar que, conforme constatado, os processos descritos operam num nível bastante sutil e se ancoram em sistemas de organização de identidades, assim supõe-se que qualquer tentativa de fazer frente a eles precisaria operar em moldes semelhantes de

profundidade e complexidade. Possivelmente é mais efetiva a oferta de outros caminhos de estruturação de si para os homens jovens, embora esse não seja, a priori, um programa de execução simples.

Considerações finais

Este artigo busca sintetizar elementos teóricos fundamentais para compreender a complexa interseção entre a crise da masculinidade contemporânea e os processos de radicalização digital. A partir do arcabouço teórico cotejado, fica visível que o deslocamento de jovens rapazes para a extrema-direita não é um fenômeno isolado, mas o resultado de um vazio simbólico e de um estado de suspensão social, derivado do fato de que certos marcadores tradicionais de transição para a vida adulta vêm se tornando inacessíveis.

Como achados centrais deste trabalho podemos destacar: a vulnerabilidade como porta de entrada, com sentimentos de desamparo e ressentimento sendo capturado por uma indústria de influenciadores que transforma queixas pessoais em pautas políticas. Também o fato de a radicalização ser processual, utilizando conteúdos de autoajuda para naturalizar hierarquias sociais e narrativas de vitimização masculina. Aqui é fundamental o papel dos novos mediadores, com a perda de credibilidade das instituições tradicionais que permitiu a ascensão de influenciadores digitais. Estes operam na economia da atenção, forjando laços de identidade e pertencimento através de estratégias de desinformação que acionam o carisma, o humor, o ódio e a sobrecarga informacional para contornar o pensamento crítico. Por fim, localizou-se a questão da identidade como refúgio para jovens que se sentem excluídos de discursos sociais voltados a minorias, a extrema-direita oferece um espaço de reconhecimento e empoderamento através da força e da transgressão, muitas vezes percebido como mais atraente do que a defesa da ordem institucional que feita presentemente pela esquerda.

Conclui-se aqui que o enfrentamento dessa problemática exige não apenas a regulação de plataformas, mas a compreensão profunda das lealdades tribais e afetos que sustentam essas comunidades digitais. Este arcabouço teórico provê, portanto, a lente necessária para que o trabalho de campo decifre como a identidade masculina está sendo renegociada em ambientes onde a linha entre a sociabilidade e a radicalização política torna-se cada vez mais tênue.

Referências

ALAFIA LAB. **Desigualdades informativas:** como o capital cultural molda o engajamento com notícias online. São Paulo: AlafiaLab, 2024. Disponível em: https://alafialab.org/wp-content/uploads/2025/05/Desigualdades-informativas-2024.pdf. Acesso em: 24 jun. 2025.

BATES, Laura. **Men who hate women:** from incels to pickup artists, the truth about extreme misogyny and how it affects us all. Londres: Simon & Schuster, 2020.

BAVEL, J. J.; HACKEL, L. M.; XIAO, Y. J. The group mind: the pervasive influence of social identity on cognition. In: DECETY, J.; CHRISTEN, Y. (Eds.). **New frontiers in social neuroscience.** Springer International Publishing/Springer Nature, 2014, p. 41-56. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-319-02904-7_4.

BLOODWORTH, James. Lost Boys: **A personal journey through the manosphere**. Londres: Atlantic Books, 2024.

BORAH, Porismita e HSU, Ying Chia. **'It infuriates me':** examining young adults reactions to and recommendations to fight misinformation about COVID-19. Journal of Youth Studies, v. 25, n. 10, p. 1411-1431, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1080/13676261.2021.1965108. Acesso em: 03/12/2024.

BOURDIEU, Pierre. **Habitus e reprodução social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CAMPBELL, David E. e PUTNAM, Robert D. **American grace:** how religion divides and unites us. New York: Simon & Schuster, 2010.

CESARINO, Letícia. **O Mundo do avesso:** verdade e política na era digital. São Paulo: UBU, 2022.

COMISSÃO EUROPEIA. **Gamification and online hate speech:** a quarterly research review. Brussels. Directorate-General for Migration and Home Affairs, 2022. Disponível em: https://home-affairs.ec.europa.eu/system/files/202212/Quarterly%20research%20review-gamification%20and%20online%20hate%20speech.pdf. Acesso em: 23 jun. 2025.

DEWI, Ni Putu Sinta; ELFIANDRI, Elfiandri. Overcoming disinformation and hoaxes in political communication: promoting media and fact literacy. **Journal of Islamic Digital Communication**, v. 4, n. 1, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.55849/jidc.v4i1.663. Acesso em: 26/02/2025.

GERRAND, Vivian; GING, Debbie; ROOSE, Joshua M. Mapping the neo-manosphere(s): new directions for research. **Men and Masculinities**, [Thousand Oaks], p. 1-22, 17 jun. 2025. DOI: https://doi.org/10.1177/1097184X251350277. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1097184X251350277. Acesso em: 19 fev. 2026.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. UNESP, São Paulo, 1991.

GOFFMAN, Erving**. A apresentação de si na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2017

KAHAN, Dan M. Cultural cognition as a conception of the cultural theory of risk. In: ROESER, Sabine (ed.). **Handbook of Risk Theory**. Forthcoming. Harvard Law School

Program on Risk Regulation Research Paper No. 08-20; Yale Law School, Public Law Working Paper No. 222, 2008.

KAHAN, Dan M. e BRAMAN, Donald. **Cultural cognition and public policy**. Yale Law & Policy Review, v. 24, p. 147, 2006. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=746508. Acesso em: 24 abr. 2025.

KAHAN, Dan M.; PETERS, Ellen; WITTLIN, Maggie; SLOVIC, Paul; OUELLETTE, Lisa Larrimore; BRAMAN, Donald; MANDEL, Gregory. The polarizing impact of science literacy and numeracy on perceived climate change risks. *In:* **Nature Climate Change**, v. 2, p. 732–735, 2012. Disponível em: https://www.nature.com/articles/nclimate1547. Acesso em: 24 abr. 2025.

KIMMEL, Michael S. **Healing from hate:** how young men get into - and out of - violent extremism. Oakland; Berkeley: University of California Press, 2018.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista:** por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.

LEE, Eun-Ju e JANG, Jeong-woo. How political identity and misinformation priming affect truth judgments and sharing intention of partisan news. *In:* **Digital Journalism**, v. 11, n. 1, p. 226-245, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1080/21670811.2022.2163413. Acesso em: 19/04/2025.

MAREŠ, Miroslav; MLEJNKOVÁ, Petra. **Propaganda and Disinformation as a Security Threat**. In: GREGOR, Miloš; MLEJNKOVÁ, Petra (orgs.). Challenging Online Propaganda and Disinformation in the 21st Century. Cham: Springer, 2021. p. 75-103. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-58624-9_3. Acesso em: 17/11/2024

MILLER-IDRISS, Cynthia. **Man up:** the new misogyny and the rise of violent extremism. Princeton: Princeton University Press, 2025.

MONBIOT, George; HUTCHISON, Peter. **The invisible doctrine:** the secret history of neoliberalism (& how it came to control your life). Londres: Penguin, 2024.

REEVES, Richard V. **Of boys and men:** why the modern male is struggling, why it matters, and what to do about it. Washington: Brookings Institution Press, 2022.

SOLANO, Esther. A nova direita e os seus dilemas. *In:* SOLANO, Esther (Org.). **O ódio como política:** a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 15–28.

SUNSTEIN, C. e THALER, R. **Nudge:** improving decisions about health, wealth, and happiness. New Haven: Yale University Press, 2008.

SURJATMODJO, Dwi; UNDE, Andi Alimuddin; CANGARA, Hafied; SONNI, Alem Febri. Information pandemic: a critical review of disinformation spread on social media and its implications for state resilience. *In:* **Social Sciences**, v. 13, n. 8, p. 418, 2024. Disponível em: https://www.mdpi.com/2076-0760/13/8/418. Acesso em: 28/02/2025

TAJFEL, Henri; TURNER, John C. An integrative theory of intergroup conflict. In: AUSTIN, William G.; WORCHEL, Stephen (Orgs.). **The social psychology of intergroup relations.** Monterey, CA: Brooks/Cole, 1979. p. 33–47.